

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Matheus Peregrina Hernandes

A RELAÇÃO ENTRE BRAVURA (*eupychia*) E MODERAÇÃO (*sophrosyne*) NOS  
DISCURSOS DE ARQUÍDAMO PRESENTES NA OBRA DE TUCÍDIDES: A  
HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO.

**Porto Alegre**

**2011**

MATHEUS PEREGRINA HERNANDES

A RELAÇÃO ENTRE BRAVURA (*eupsychia*) E MODERAÇÃO (*sophrosyne*) NOS  
DISCURSOS DE ARQUÍDAMO PRESENTES NA OBRA DE TUCÍDIDES: A  
HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciado em História, pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Anderson Zalewski Vargas

Porto Alegre

2011

MATHEUS PEREGRINA HERNANDES

A RELAÇÃO ENTRE BRAVURA (*eupsychia*) E MODERAÇÃO (*sophrosyne*) NOS  
DISCURSOS DE ARQUÍDAMO PRESENTES NA OBRA DE TUCÍDIDES: A  
HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciado em História, pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Doutor Anderson Zalewski Vargas

---

Professor Doutor Luiz Alberto Grijó

---

Mestre Luís Fernando Telles D'Ajello

Porto Alegre  
2011

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	6
2	<b>O CONTEXTO, A GUERRA E O ESTILO.....</b>	12
2.1	O CONTEXTO DA OBRA.....	12
2.2	GUERRA NA ANTIGUIDADE.....	15
2.3	A ESCRITA SOBRE ARENGAS NA ANTIGUIDADE.....	17
2.4	O ESTILO DO AUTOR.....	22
3	<b>OS DISCURSOS DE ARQUÍDAMO E O ELOGIU DA SOPHROSYNE.....</b>	25
3.1	O CONFRONTO SE APROXIMA: DELIBERAÇÃO E COMEDIMENTO.....	25
3.2	ESPARTANOS VÃO À BATALHA.....	34
3.3	DISCUSSÃO PENDENTE.....	37
4	<b>CONCLUSÃO.....</b>	40

## RESUMO

Este estudo tem por finalidade discutir a respeito do emprego dos termos bravura (*eupsychia*) e moderação (*sophrosyne*) nos discursos de Arquídamo, presentes na obra *A História da Guerra do Peloponeso* escrita por Tucídides (no século V a.C.). Para tanto, será necessário que se apresente antes ideias a respeito do contexto do evento que a obra trabalha; além de, como se fazia a guerra na Antiguidade, estilo de escrita do autor e a análise retórica do emprego desses termos nos discursos.

**Palavras-chave:** Tucídides. Arquídamo. Análise de discursos. Guerra do Peloponeso.

## 1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso é o ápice de uma trajetória dentro da graduação, com certeza um evento marcante para qualquer pessoa que já superou este desafio. Para cada estudante há um contexto particular para chegar até a escolha do tema a ser pesquisado.

No meu caso, inicio este caminho com o ingresso no curso de História no ano de 2006. Logo que ingressei na faculdade me deparei com as cadeiras de História Antiga I e Antiga II, ministradas pelo professor Anderson Zalewski Vargas. Com dificuldades herdadas pela minha formação da educação básica no ensino público e sem conseguir me adequar a nova realidade não atingi conceito suficiente para aprovação na cadeira de Antiga II (por sinal única disciplina que obtive tal resultado).

O que poderia ser considerado como uma passagem negativa em meu histórico acadêmico. Para mim propiciou uma oportunidade de reflexão às minhas intenções quanto à graduação. Partindo desta situação solicitei ao professor Anderson para que eu pudesse reiniciar meus estudos em História Antiga a partir de seu início. Participei novamente da cadeira de Antiga I, agora como ouvinte e posteriormente cursei da cadeira de Antiga II apresentando desenvolvimento satisfatório. Conjuntamente com a cadeira de Antiga II, participei de um seminário temático promovido pelo professor Anderson, sobre retórica e Euclides da Cunha. Neste momento me deparei com os estudos promovidos pelo professor Anderson sobre este assunto, no qual chamou minha atenção e despertou meu interesse sobre produzir algum estudo com base neste sentido.

Procurando alguma referência que me interessasse e permitisse estabelecer uma relação entre estes dois temas (História Antiga e Retórica) acabei me deparando com a obra de Tucídides, A História da Guerra do Peloponeso. Lendo suas passagens, o ponto que se destacou para mim era o envolvimento da coragem – no conflito militar – com a convicção do soldado-cidadão ao adentrar no conflito. Os cidadãos deveriam ser convencidos, através da persuasão do discurso, da importância do conflito para que primeiro desejassem participar do evento e segundo, uma vez, convencido do motivo pelo qual estavam naquele conflito, lutar com mais afinco pela causa.

Esta relação me chamou muito a atenção, já que, naquele período eu servia ao Exército Brasileiro já por alguns anos. A filosofia militar da instituição, baseada na hierarquia e na disciplina, comum nas forças militares de qualquer país nos dias de hoje é bastante distinta da que se apresentava no livro. Na qual se baseia no fomento da ação sem questionamento das ordens de militares de graduações e postos superiores, gerando uma mera reprodução acéfala de uma ordem.

Então, a partir de 2008 (ano em que fiz as cadeiras citadas acima e me deparei com esta questão) comecei a realizar contatos com o professor Anderson para que eu pudesse, através de sua orientação, viabilizar meu projeto de TCC com este tema. Com o passar destes anos acompanhei o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa do professor na área da retórica, sem infelizmente poder colaborar na pesquisa, fruto de minha indisponibilidade de horários como trabalhador. Entretanto, sob sua orientação iniciei minha formação em Grego no ano de 2009 (disciplina Grego I no Instituto de Letras como ouvinte) e cursei o seu seminário de História intelectual e retórica promovido no segundo semestre do ano passado.

Assim, com alguns anos de contatos e orientações estabelecidas pude aprimorar a ideia do tema de pesquisa chegando a este que vos apresento - A relação entre bravura (*eupsychia*) e moderação (*sophrosyne*) presente nos discursos na obra de Tucídides: A História da Guerra do Peloponeso.

Uma vez dado o contexto curricular que possibilitou a execução desta pesquisa procurarei estabelecer a importância deste trabalho. Para tanto, proponho a justificativa do mesmo através de um esquema que apresente os argumentos para a sua relevância.

Quanto à relevância proponho respondê-la através de três perguntas simples:

- Por que Tucídides?

Apesar de Tucídides compor o grupo de referências historiográficas da Idade Antiga, seu trabalho continua se apresentando atual e sendo fruto de referência e pesquisa até os dias de hoje<sup>1</sup>. Tucídides é citado em obras das mais diferentes áreas do conhecimento: na

---

<sup>1</sup> PIRES, Francisco, Murari. Modernidades Tucidideanas. São Paulo: Edusp-Fapesp, 2007. Com ensaios elaborados durante as Guerras Mundiais (Albert Thibaudet, Karl Rheinhardt, Louis E. Lord); o resgate tucidideano nos tempos da Guerra Fria (George C. Marshall, Louis J. Halle, George Kateb, Peter J. Fliess); no contexto da crise da civilização ocidental por meados do século (Hajo Holborn, Karl Popper, Leo Strauss e Hannah Arendt) e outros.

Filosofia, nas Ciências Sociais (especialmente na Antropologia), na Letras, nas Relações Internacionais, nas Ciências Militares e, evidentemente, na História.

Francisco Murari Pires consegue sintetizar de maneira ideal o caráter atual de Tucídides:

Situar a figura transcendente de Tucídides, (re)animado, comporta múltiplas vozes, de falas diversificadas, precipuamente atuais a cada presente (...) Foi como *ktema es aei* (aquisição para sempre) conhecimento histórico de utilidade permanente, portanto, sempre atual, que ele qualificou a valia da história que ele narrava. (...) Na epistemologia de sua história há, então, que explorar os jogos hermenêuticos porque os distintos momentos de historicidade de (re)leituras da obra intentaram determinar, por equacionamentos definidos e resolutos de sentidos, as preposições que no texto original compunham antes indefinições, indecisões, ambigüidades ou ambivalências, de modo a marcar como elipses e silêncios intrigados por estas formulações discursivas ensejaram a 'prolixidade' de hermenêutica que se dispõe a ecoar da voz original. (PIRES, 2007, p. 13)

- Por que discurso?

Para poder responder esta pergunta uso das reflexões promovidas por Jacqueline de Romilly (1998, p. 17):

(...) os discursos têm para ele – Tucídides – um papel central bem compreensível. Na verdade, é a eles que remete todo o sistema de interpretação que se desprende dos diversos episódios. Situando-se no plano da compreensão, eles são, por excelência, o local das análises.

É nos discursos que podemos observar a originalidade demonstrada por Tucídides que distingue os seus relatos de todos os que o precederam. Reside precisamente no papel que neles têm a análise preliminar, quer seja ela confiada a uma exposição indireta, ou melhor, a um discurso, quer seja, melhor ainda, confiada a dois discursos antitéticos onde se encontram e onde se confrontam raciocínios contrários (ROMILLY, 1998, p. 18). Conjuntamente com o que Romilly nos apresenta, é importante destacar que o discurso também exerce um papel de mediador entre esses elementos apresentados, uma vez que o discurso, que está na natureza da obra de Tucídides, também está presente na natureza da guerra, como poderemos observar a seguir.

- Por que guerra?

Para poder responder esta pergunta inicialmente é importante esclarecer que a guerra era o objeto de estudo na Grécia Antiga: Homero, Heródoto e Tucídides, apesar de apresentarem formas estilísticas distintas sobre a abordagem do tema, invariavelmente, procuraram as arengas militares como objeto de estudo e registro.

Outro ponto que deve ser destacado para responder essa questão é a íntima ligação entre o discurso e a guerra. Os antigos percebiam a guerra como um instrumento racional e utilitário de política – o trabalho de Tucídides representa o grande monumento dessa tradição. No final do século V a.C. a arte dos conflitos bélicos sofreu a influência dos sofistas, os quais firmavam que todas as questões políticas, inclusive a guerra, poderiam ser resolvidas pelo raciocínio dialético (DAWSON, 1999, p. 141).

Respondidas as três perguntas, devemos passar para a questão da metodologia de trabalho e sua viabilidade.

A perspectiva quanto à viabilidade da pesquisa é positiva; uma vez que, como demonstrado acima, há bibliografia que abarque a temática de maneira satisfatória. Há ainda uma outra questão pouco debatida, mas que se faz presente nesta discussão: o acesso à fonte. Nos dias de hoje, através de iniciativas como o Projeto Perseus<sup>2</sup> a possibilidade de consulta a obra no grego é bastante simples. Além disso, no Projeto também se consegue consultar o texto em outras línguas modernas (como o inglês). Ademais já dispomos nos dias de hoje de boas traduções para o português, como por exemplo, a tradução de Ana Lia Prado para o Livro 1, fundamental para esta pesquisa. Além de outras endereçadas para outros tipos de públicos<sup>3</sup>.

Uma vez de posse da fonte primária e de várias versões traduzidas por diferentes autores, o procedimento de trabalho foi simples quanto a sua definição e complexo quanto a sua execução. Era necessário ter o domínio da obra para encontrar os discursos referentes à Arquídamo e localizar os pontos das passagens que apresentam relevância para com o tema proposto e por fim realizar suas análises.

---

<sup>2</sup> O Perseus Project é uma biblioteca virtual da Universidade de Tufts que reúne coleções digitalizadas de recursos humanísticos. É hospedado pelo Departamento de Estudos Clássicos daquela instituição e iniciado em 1987, como forma de coletar e apresentar materiais destinados ao estudo da Grécia Antiga. Desde 1995 seu acervo está disposto na internet, formando assim a Perseus Digital Library (Biblioteca Digital Perseus): o projeto foi expandido para muito além de seu escopo original; as coleções atuais abarcam os clássicos greco-romanos, o Renascimento inglês além da história da própria Universidade. É preciso inserir a referência.

<sup>3</sup> A tradução de Mário da Gama Kury ilustra bem esta situação.

Para que esta etapa do trabalho fosse realizada com sucesso usei os conhecimentos adquiridos pela disciplina de Grego I, apesar de ser apenas a ponta do “iceberg” que compõe os estudos da língua grega antiga, a pequena experiência já me foi de valia. A partir dela consegui identificar os termos e consegui bom entendimento sobre eles, o que me foi útil. Ainda sim se faz necessário mais especificidade na área para aprofundar o trabalho e conferir com maior segurança os termos coletados.

Para melhor entendimento do leitor considerei que a estratégia apropriada de apresentação da bibliografia seria dividi-la entre os seus diferentes eixos temáticos que serão divididos da seguinte forma: historiografia, retórica e guerra antiga:

- Historiografia

Este segmento da bibliografia tem por finalidade propiciar maior entendimento da História da Grécia Antiga, com ênfase em Homero, Heródoto e Tucídides. De maneira que me propicie compreender as formas estilísticas de narrativa empregadas por estes autores em suas obras. Outra função é fazer com que eu possua um maior entendimento da obra de Tucídides, me inserindo nos debates realizados em torno de sua obra.

Para que esses pontos possam ser contemplados, três autores recebem destaque Francisco Murari Pires (1999), Juan Carlos Iglesias Zoido (2008) e Jacqueline de Romilly (1998). O primeiro é responsável por dialogar sobre pertinência da obra; Zoido trata mais da questão do discurso militar na historiografia e Jacqueline de Romilly, por sua vez, é relevante para a compreensão sobre as diferença de estilos e funções narrativas de outros autores da antiguidade com Tucídides.

Há mais um elemento que devo chamar a atenção neste ponto, apesar de tê-lo apontado como historiografia partes da bibliografia oriundas dos cursos de Letras<sup>4</sup> também podem ser enquadrados aqui, no sentido de auxiliar para compreensão do obra.

- Retórica

Na retórica seu eixo fica dividido entre dois grupos: o primeiro destaca o trabalho de Retórica produzido por Aristóteles<sup>5</sup>; enquanto que o segundo fica centrado em Olivier

---

<sup>4</sup> Como exemplo o trabalho de Tatiana Oliveira Ribeiro, “Mestre violentos na Grécia Clássica: a peste, a guerra e a stásis na obra de Tucídides”.

Reboul (1998) e Chaïm Perelman (2005) autores que trabalham a mesma temática; porém, com mais proximidade temporal aos dias de hoje, propiciando uma percepção mais atual deste tema.

De maneira simplificada - vale destacar que esta parte do trabalho será melhor explicada adiante - a retórica é uma ferramenta que nos permite identificar diferentes recursos de persuasão ao longo de um discurso, servindo de veículo para que possamos ampliar nossa interpretação do que foi dito ou escrito.

- Arenga na antiguidade

Com relação a este eixo temático, as referências temáticas não são muitas. Sua principal funcionalidade é ajudar a compreender elementos comuns praticados nas guerras gregas: como elas eram realizadas, o seu estilo de combate; possíveis transformações; quem estava na guerra quais eram suas influências, quem escrevia sobre elas e como as escreviam e por fim as possíveis mudanças no estilo da escrita da arenga com o passar dos anos.

Nesse caso o principal autor foi Doyme Dawson e sua obra *As Origens da Guerra no Ocidente: militarismo e moralidade no mundo antigo* (1999). Além de contribuições de David Pritchard e seu artigo *War, democracy and culture in classical Athens* e de Jacqueline de Romilly<sup>6</sup>, a respeito dos diferentes estilos de escrita para o relato das guerras na Grécia clássica.

---

<sup>5</sup> Em tradução promovida pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2005).

<sup>6</sup> ROMILLY, Jacqueline de. Os relatos de batalhas: análises e narração. In: \_\_\_\_\_. **História e razão em Tucídides**. Brasília: UnB, Brasília, 1998. cap.2

## 2. O CONTEXTO, A GUERRA E O ESTILO

### 2.1 O contexto da obra

Para melhor compreensão do leitor sobre este trabalho creio ser importante apresentar inicialmente o contexto<sup>7</sup> em que a obra tucideana estava inserida o seu período de produção. Iniciaremos apresentando seu autor.

Tucídides, provavelmente nasceu entre os anos de 460 e 455 a. C., no distrito de Halimunde, em Atenas. Pertencia a aristocracia ateniense e como tal foi educado de maneira condizente com a sua condição social. Influenciado por importantes figuras de seu período como Péricles, a quem não poupa elogios; Antifonte<sup>8</sup>, político e orador; o filósofo Anaxágoras; os sofistas Górgias de Leontinos e também pelos grandes poetas trágicos Sófocles e Eurípedes e outros mais. Durante o período de 430 a 427 sofreu com a grande epidemia que assolava Atenas, mesmo assim conseguiu se recuperar e já no ano de 424 a. C. ele é eleito estrategista e fica responsável de comandar as tropas atenienses na Trácia, mais especificamente na cidade Anfípolis, conhecida por ser um importante ponto de tráfego de cereais para Atenas. No mesmo ano sofreu com a investida do comandante lacedemônio Brasidas que por fim acabou ocupando a cidade ainda no mesmo ano. Devido à derrota, Tucídides é exilado de Atenas e somente após vinte anos de afastamento pode retornar para sua cidade natal e pouco tempo depois ele veio a falecer sem conseguir concluir sua obra.

A guerra entre peloponésios e atenienses durou 27 anos (entre 431 e 404 a.C.), e foi responsável por envolver praticamente todo o mundo helênico e muitos outros povos além, que mantinham relações diplomáticas com as cidades gregas. A morte do autor acabou impedindo que ele pudesse concluir o seu relato, sendo interrompido então no vigésimo primeiro ano do conflito (na passagem dos anos de 411 e 410 a.C.). Segundo Luschnat<sup>9</sup> (**apud** LOPEZ FERREAZ, 1989, p. 185) A obra está dividida em cinco grandes partes, distribuídas ao longo de seus oito livros. A primeira parte (que se refere apenas ao livro I) é a introdução, subdividida em um prefácio (capítulos 1 a 23) – conhecido como “arqueologia” – que se propõe a ilustrar a importância da Guerra do Peloponeso em detrimento de suas

---

<sup>7</sup> TUCÍDIDES. Programa e Realização: A metodologia. In: \_\_\_\_\_ *História da Guerra do Peloponeso* – Livro I. p. XLI.

<sup>8</sup> A quem Tucídides se refere com admiração, 8.68.

<sup>9</sup> LUSCHNAT, O. Thykydides der Historiker. RE, Pauly Wissowa, Supl 12, 1970, col. 1113-1132.

antecessoras e a exposição do método de pesquisa do autor, que serve para evocar o caráter de verdade da obra. A segunda congrega os livros II, III, IV até o capítulo 24 do livro V. Nesta parte Tucídides procura abordar sobre os eventos ocorridos na chamada Guerra dos Dez anos (ou Guerra Arquidâmica). Posteriormente, a terceira parte (a partir do capítulo 25 do livro V, até o fim do mesmo) cobre o período da paz precária entre atenienses e lacedemônios e seus respectivos aliados. Já na parte quatro, situada entre os livros VI e VII, tem por objetivo relatar a guerra na Sicília. E por fim a parte cinco, compreendida apenas no livro VIII que descreve a guerra da Delecélia e Jônica, deslocando o eixo de operações para a Ásia Menor até o fim do conflito.

Deve-se observar que, além da primeira divisão proposta, há também uma segunda divisão encontrada no texto, a narrativa e o discurso. A narrativa é a responsável por apresentar ao leitor a descrição dos combates ocorridos na Guerra do Peloponeso, relatando, entre outras coisas, as batalhas realizadas nos campos navais e terrestres - cabe assim aos discursos romperem com a monotonia descritiva das lutas travadas.

Segundo Jacqueline de Romilly<sup>10</sup> (1998, p. 21), o que mais impressiona na leitura da obra de Tucídides é a existência e o teor dos discursos. Isso constitui, na história, um elemento que difere abertamente dos hábitos da ciência moderna e que, tanto pelos raciocínios de que serve como pela liberdade que implica, parece particularmente apropriado para análise pessoal. Pois é dentro do discurso que inserimos a retórica como ferramenta para a compreensão da articulação dos argumentos e do estilo numa mesma função, quer ela esteja inserida no contexto da persuasão, heurística, hermenêutica ou pedagógica, quer seja compreendida como pertencente a uma proposta mais fechada (a apresentação da forma e dos lugares dos argumentos) ou pertence à outra mais ampla (seus âmbitos e compreensão).

Com relação ao conflito, a Guerra do Peloponeso foi um conflito entre as cidades-estado de Atenas e Esparta. Esta guerra foi relatada detalhadamente por dois historiadores da Grécia Antiga, Xenofonte e Tucídides.

As raízes do conflito se iniciam com o conflito anterior ocorrido na Hélade, a guerra contra os persas – e a conseguinte vitória dos gregos – posicionara Atenas como a grande cidade daquele período. Atenas assumira a posição de protagonista no contexto político

---

<sup>10</sup> Em seu primeiro capítulo *Os procedimentos do relato*.

entre as demais Cidades-estado fazendo uso da Liga de Delos para expandir suas áreas de influência por toda a região.

Temerosos do poder acumulado pelos atenienses, os peloponésios tomam como medida de salvaguarda abandonar a Liga de Delos e formar uma nova, a Liga do Peloponeso. Assim se diminuiria as influências causadas pelo poder acumulado dos atenienses após Guerras Médicas.

Um dos temas apresentados na obra de Tucídides é a discussão a respeito do posicionamento dos peloponésios frente ao poderio ateniense, e é deixado claro que grande parte das posturas tomadas por Esparta, antes do início do conflito, foram decididas a partir dos receios que havia sobre Atenas e a sua influência<sup>11</sup>.

A Guerra do Peloponeso, como já foi escrito, é defendida por Tucídides como o maior conflito já ocorrido na Hélade, atingindo todos os povos que a compunham além de diversos povos bárbaros, que realizavam tratativas para com eles<sup>12</sup>. Por seu longo período de duração durante muitos anos ela foi interpretada como se fosse dois conflitos: a primeira seria a guerra Arquidâmica, que compreende os anos de 431 a 421; nesta divisão há o período da Paz de Nícias (421-414) que serve como elemento que distingue as fases do conflito; e, por fim, a guerra da Sicília<sup>13</sup>, iniciará a fase que se estenderá até o fim do conflito.

Mas esta é uma das interpretações ocorridas a partir deste conflito, Tucídides foi um dos primeiro pensadores a definir que os dois conflitos na verdade se configuravam como um e só depois de muitos anos, e estudos sobre o tema, esta percepção se tornou a vigente sobre o evento.

---

<sup>11</sup> Tuc 1.80-85.

<sup>12</sup> Como por exemplo, fornecimento de mercenários Tuc 1.47.3.

<sup>13</sup> Depois da Paz de Nícias, Alcibíades vai liderar o exército ateniense para tentar invadir o território dos aliados peloponésios.

## 2.2 Guerra na antiguidade

Como os gregos travavam suas guerras? O que os diferenciavam dos demais povos daquele período? Essas são algumas perguntas que podemos fazer para tentar entender como se davam os conflitos na antiguidade. Os gregos foram responsáveis pelo implemento de uma nova máquina de guerra que os colocou na vanguarda dos conflitos daquele período.

Dawson (1999, p. 87) nos explica qual era esta máquina e como ela funcionava:

Só os gregos desenvolveram um estilo de guerra que tornou inevitável o combate de choque, porque a formação da infantaria deles não era um amontoado solto, mas um retângulo cerrado (falange) [...] Os escudos pesados formavam um mecanismo coletivo de trava, só com seu peso e profundidade impelindo os homens da vanguarda sobre as lanças do inimigo.

Estas são as principais características da famosa formação hoplítica, técnica de combate em massa amplamente utilizada pelos gregos nos mais diversos conflitos bélicos que eles participaram, quer seja entre as próprias pólis ou contra povos bárbaros que os desafiavam.

Pegando os persas como modelo com fins de comparação, seus lanceiros tinham uma função bastante diversa dos lanceiros gregos (que ficavam batendo com a lança no escudo<sup>14</sup> ou em formação para encarar a linha inimiga). O lanceiro persa tinha como principal função promover a segurança do arqueiro, basicamente um grupo de lanceiros fazia a cobertura para que ele pudesse atirar suas flechas numa condição mais segura.

Esta técnica – a falange – foi exclusividade dos gregos, pois só eles desenvolveram um estilo de combate em massa que priorizasse o contato físico. Como Dawson nos apresentou acima a falange grega era composta que um grupo maciço de homens apresentando aos seus inimigos uma forte parede de metal. Outro elemento da formação hoplítica que deve ser levada em conta é a motivação para o confronto. Tão importante quanto à estratégia e a técnica, a motivação é um dos elementos de destaque para qualquer

---

<sup>14</sup> A ação de bater no escudo tem por função básica intimidar o adversário através do som emitido e iludi-lo a pensar que o número de homens que compõe a falange é maior do que realmente se apresenta.

combate. Manter seus homens motivados para a luta é essencial para garantir a vitória. Em contrapartida, quanto mais risco você – comandante – expõe àqueles que estão sob sua tutela, mais dificuldade haverá para mobilizá-los.

Este é um ponto importante, observe o que Dawson nos traz sobre isso:

Fomos levados a acreditar (com a ajuda do cinema) que o combate de choque direto [...] era muito mais comum na guerra pré-moderna do que se imaginava. Na realidade, sempre foi muito difícil fazer com que soldados a pé se empenhassem a sério, uns contra os outros, com armas afiadas, por força da tendência natural de um afastar-se do caminho do outro. (DAWSON, 1999, p.87)

Se tentarmos nos colocar na posição do hoplita, certamente não nos posicionaríamos de uma maneira que nos colocasse em uma condição de risco sem que fossemos convencidos de um bom motivo para entramos no conflito, ainda mais na linha de frente e toda a exposição que ela traz.

Assim, os discursos e aqueles responsáveis por pensar a guerra ganham destaque. São estes dois elementos (a motivação e a estratégia) os responsáveis por manter os homens firmes na parede de escudos. Como foi discutido antes, era necessário que os integrantes da falange fossem convencidos da importância daquela luta para que desejassem combater e fazer parte da formação.

Nesse sentido podemos colocar que no final do século V, a arte da guerra, sofreu a influência de conferências itinerantes chamados sofistas, com seus hábitos de pensamento generalizados, sistematizados e classificados. Os sofistas afirmaram que todas as questões políticas, inclusive a guerra, podiam ser resolvidas pelo raciocínio dialético (DAWSON, 1999, p. 141).

Antes do surgimento dos sofistas não havia nada nas cidades gregas que se assemelhasse a uma formação bélica formal<sup>15</sup>. Na Oração Fúnebre de Péricles há uma menção honrosa a Atenas justamente pelo fato dela não possuir tais centros de formação<sup>16</sup>, um orgulho de não preparar seus jovens para guerra, diferentemente com o que ocorria em Esparta.

---

<sup>15</sup> Com exceção de Esparta (DAWSON, 1999, p. 142).

<sup>16</sup> Tucídides 2.39.

Durante a guerra, diversos tipos de treinamento militar entraram em voga. O mais destacado deles era conhecido como *hoplomachia*<sup>17</sup>, a arte de esgrimir com armas hoplitas. O mestre esgrimista acabou se tornando um dos expoentes do ginásio grego. Sua arte era imensamente valorizada como um exercício de cavalheirismo, mas também como uma base para certos estudos na área militar; como por exemplo, a *taktika*<sup>18</sup> e a *strategika*<sup>19</sup>.

Não sabemos em que consistia a superior arte militar dos sofistas. Nenhuma obra escrita, sobre este tema, anterior aos meados do século IV sobreviveu. Não obstante, o grande empuxo no pensamento militar sistemático ocorreu ao que parece, no final do século V. Nesse período, a guerra chegou a ser percebida como uma arte racional (*techne*) comparável às artes da Medicina e da Arquitetura, a ser analisada lógicamente e estritamente em termos humanos, sem nenhuma relação com as divindades gregas.

A educação retórica que os sofistas ministravam ensinava como argumentar numa determinada situação, considerando-se todas as alternativas e emitindo-se juízos com base nos prováveis princípios do comportamento humano. Ensinava o que hoje costumamos chamar de “estratégia”. Através dos discursos presentes na obra de Tucídides sugere-se que eles ensinavam estratégia num nível elevado. E como os sofistas jactavam-se de ensinar tudo o que um general deveria saber, o estudo teria incluído também a habilidade de proferir discursos convincentes sobre política externa perante uma assembleia.

Uma das reflexões mais importantes da revolução sofística foi esclarecer a distinção entre o justo (*dikaion*) e o vantajoso (*sympheron*) o que permitiu o debate racional sobre a guerra e a diplomacia. A estratégia usual dos oradores é sustentar que o justo e o vantajoso coincidem (DAWSON, 1999, p. 144).

### 2.3 A escrita sobre arengas na antiguidade

Como já apresentado na introdução as arengas na antiguidade eram objeto comum de estudo para pensadores daquele período<sup>20</sup>. Um aspecto interessante de se observar

---

<sup>17</sup> A guerra de *hoplos*.

<sup>18</sup> A arte de dispor as tropas.

<sup>19</sup> A arte de planejar operações de guerra.

<sup>20</sup> Homero, Heródoto, Tucídides, Xenofonte e outros têm em seus trabalhos relatos sobre algum conflito bélico ocorrido na Hélade.

sobre esta questão são os diferentes estilos empregados pelos narradores para apresentar as batalhas que ocorreram nas batalhas que ocorreram nas arengas.

Há todo um processo de agregação e transformação nas narrativas de um pensador para outro, elementos introduzidos por um são apropriados, reproduzidos, readequados e transformados por outro autor subsequente. Além disso, este mesmo novo autor agregará algo original ao estilo de escrita sobre o tema.

Acredito ser importante para o entendimento deste trabalho, que acompanhemos esta questão para que possamos visualizar as mudanças ocorridas. Assim quando discutirmos mais precisamente os excertos extraídos do trabalho de Tucídides analisaremos a partir de um contexto previamente apresentado e cientes de alguns de seus elementos mais relevantes.

Para tanto, devemos iniciar esta etapa do trabalho a partir dos trabalhos produzidos por Homero, passando posteriormente por Heródoto e finalizando com Tucídides.

- Homero

Para nós<sup>21</sup>, é com ele que a literatura grega se inicia, mais precisamente com um relato sobre conflito ocorrido em Tróia, imortalizado através de sua obra a *Ilíada* – que narra os eventos do último ano deste conflito e que possui uma série de combates.

Neste momento faço uso das palavras de Jacqueline de Romilly a respeito da escrita de Homero:

[...] a *Ilíada* não contém relatos de batalhas propriamente ditos. É preciso olhar de perto para reconhecer no poema as quatro jornadas de luta que ele narra. Mesmo nessas quatro jornadas, a evolução da situação é em geral, difícil de acompanhar [...] Nem poderia ser de outro modo, pois, na verdade, nenhuma coordenação parece reinar. (ROMILLY, 1998, p. 73).

Seguindo neste sentido, F. Robert **apud** Romilly (1998, p. 75) nos escreve: “em uma verdadeira batalha, buscaríamos em vão uma explicação diferente”, é bem a luta “em que se avança e se recua sem se saber como e porquê.”. Portanto, a batalha épica é, em todos os seus aspectos, se expressa eminentemente ininteligível.

Para Homero o conjunto da batalha nunca compõe mais que um pano de fundo. O primeiro plano fica a cargo das diversas ocorrências de combates singulares, são neles que a

---

<sup>21</sup> Pesquisadores contemporâneos.

atenção, o cuidado e o detalhamento do que ocorre deve estar. Se há alguma técnica no combate, uma arte de manobra será nos combates singulares que estas referências poderão ser encontradas. Em Homero é para o valor do indivíduo que estão dirigidas todas as atenções (ROMILLY, 1998, p. 75).

Outro elemento importante na narrativa promovida por Homero está na intervenção dos deuses nas ações ocorridas durante todo o conflito. Essas *aristeiai*<sup>22</sup>, que são os combates homéricos, são adulteradas, aos nossos olhos, pelas circunstâncias do notável, que transcendem a capacidade humana. São as divindades as responsáveis por colocar coragem ou temor no coração do combatente, que ajuda na defesa do golpe decisivo ou dirige a lança para o ponto fatal do inimigo.

Apenas os deuses são capazes de alterar o que está traçado como definido para acontecer. Apenas eles têm o poder de mudar os eventos. Essa característica, aliás, contribui para o caráter patético<sup>23</sup> da obra, ajudando-nos a medir a fraqueza dos pobres mortais, tão amiúde manipuláveis.

Como se pode observar Homero se apresenta mais interessado nas questões do combate singular e nas intervenções divinas sobre os conflitos apresentados em suas obras. O herói é, por excelência, aquele que se distingue, se singulariza e se dissocia da massa homogênea e indistinta dos homens comuns, todos iguais uns aos outros. A determinação de um nome, que a memória do *aedos*<sup>24</sup> celebra, assinala tal identidade individual diferenciada (MURARI, 1999 p. 183).

- Heródoto

O próximo autor que iremos analisar é Heródoto, e através de sua obra já poderemos observar algumas mudanças. Ele tem como característica ser conhecedor da tática e da estratégia, com ele chegamos ao mundo moderno das cidades e da democracia, onde os exércitos servem como instrumentos à inteligência dos *estrategos*<sup>25</sup>.

Mais uma vez faremos uso das reflexões promovidas por Romilly sobre o assunto:

---

<sup>22</sup> Combates singulares.

<sup>23</sup> Deriva do *pathos*, o que tem capacidade de provocar comoção emocional, produzindo um sentimento de piedade, compassiva, tristeza, terror ou tragédia.

<sup>24</sup> Um aedo era, na Grécia Antiga, um artista que cantava as epopéias acompanhando-se de um instrumento de música

<sup>25</sup> Homens desempenhavam as funções de militares e políticas.

Ele se interessa pela ciência que os gregos adquiriram em matéria de combate. Chega a insistir, várias vezes, na superioridade que essa ciência lhes confere em relação aos bárbaros. Eles têm a seu favor os números, mas os gregos têm a habilidade, sabem combater *syn kósmoi – katà táksin* (“com ordem” – “em boa formação”), ao passo que os bárbaros não fazem nada *syn nóoi* (“com inteligência”). (ROMILLY, 1998, p. 75).

Esse caráter sumário, por sua vez, é explicado pelo fato de que essas manobras táticas, cujo princípio entende e cuja ideia até consegue destacar no início do relato por meio de um estilo indireto ou por um discurso, ainda não são para ele a verdadeira substância do relato. Seu modelo ainda é o da epopéia. E isso não aparece apenas no tom ou no estilo, mas até na estrutura do relato, que reserva todo o espaço para as anedotas e para a exaltação dos grandes feitos isolados.

Após uma rápida palavra sobre os acontecimentos militares (no lugar da evocação homérica do conflito), segue-se sempre uma série de anedotas dedicadas à glória dos mais valorosos combatentes, de *aristeíai*, menos ou mais desenvolvidas, mas sempre presentes. (ROMILLY, 1998, p. 76)

Com Heródoto o relato da batalha já se faz mais presente e também ganha mais espaço, em importância, na narrativa. Mesmo ainda apresentando raízes em Homero e sua valorização da epopéia e das singularidades. Ele abre espaço para novas questões como os discursos, maior protagonismo para o homem frente às divindades na obra e mais destaque aos combates coletivos.

- Tucídides

O último dos autores que vamos investigar nesta passagem é o próprio Tucídides. Com ele o relato de batalha possui forçosamente uma unidade, relacionando esta parte da obra com todos os demais elementos dos relatos; e pela mesma razão, o historiador faz com que surja neste tipo de narrativa, a intenção que preside estas operações.

Só que no caso dele, a intenção do que é narrado assume um caráter extremamente preciso e determinado: torna-se o plano de um general às voltas com um problema dado, limitado no espaço e no tempo, faz intervir não as intenções de conjunto, mas um raciocínio preciso sobre os meios a empregar.

O relato de batalha, por conseguinte, distingue-se do relato em geral. Apresenta a unidade e a ausência de tudo o que for anedótico, individual ou acessório. Sua trama é ainda mais solidamente elaborada e a oposição entre duas intenções é também mais evidente,

pois o relato é composto em dois tempos: previsão e prova, cálculo e verificação, entre os quais Tucídides não deixou de tecer os vínculos verbais que conferem mais rigor ao confronto (ROMILLY, 1998, p. 82).

A análise da *gnome*<sup>26</sup> está ligada à descrição das disposições táticas. Essas probabilidades serão rigorosamente verificadas pelo relato, e aos termos do discurso respondem os próprios termos da narrativa (ROMILLY, 1998, p. 83-84).

No entanto, não deixa de ser evidente que o relato constitui, em relação aos hábitos de Tucídides, um limite e uma exceção. Se a partir de um ponto, em nenhum outro lugar a análise preliminar foi tão breve, nem os detalhes das narrativas tão diversas em sua sucessão. Ao contrário, a tendência normal do relato é antes fazer com que a intenção, o plano do estrategista, abarque antecipadamente a maior parte possível da ação, sendo, por conseguinte, exposto com a maior amplitude possível. Ao simples “a fim de...”, Tucídides prefere a análise mais ponderada. A maioria dos exemplos que examinamos (e cujo número poderíamos multiplicar) implicava, em relação à exposição do plano, um verdadeiro estilo indireto. É por isso que não deve surpreender que, às vezes, essa exposição assumia igualmente a forma de um em estilo direto.

Tucídides tinha para tal um modelo já pronto em Heródoto e o próprio espírito de seus relatos exigia com certeza que ele recorresse a esse modelo. Foi o que fez, cada vez que o plano ou a personalidade do general o justificou. O contrário teria sido surpreendente e, de fato, curioso. Passa-se da primeira forma do relato à nova sem que nada mude no princípio geral (ROMILLY, 1998, p. 89-90).

É o emprego do discurso que nos permite passar daquilo que chamamos de formas simples a formas mais complexas (ROMILLY, 1998, p. 91).

Com esta apresentação podemos observar que de Homero à Tucídides ocorreram diversas modificações de um estilo de escrita para outro, também como alguns temas vão adquirindo mais espaço na obra em detrimento de outros. Cabe chamar a atenção para o deslocamento dos eixos temáticos dos combates singulares (elemento de destaque para Homero), presentes em Heródoto e já inexistente em Tucídides, além do caráter de epopéia

---

<sup>26</sup> Feixe de conhecimentos que compõe a *teckne*, confere identidade e especificidade à arte em questão. CAIRUS, Henrique. *O Corpus hippocraticum e a epistemologia da tekhnē*. In: Simpósio de Estudos Clássicos da USP. São Paulo: Humanitas Publicações, 2006.

que começa em Homero, sobrevive com Heródoto e não se apresenta na composição narrativa de Tucídides.

#### 2.4 Estilo do autor

No ponto anterior deste capítulo foram observadas características presentes na narração de conflitos bélicos e sua transição através de diferentes pensadores gregos, onde encerramos com Tucídides. Diferentemente do que foi proposto na discussão acima, nesta parte abordaremos sobre o estilo do autor não ficaremos presos à narrativa do combate, mas sim, partiremos para a questão dos discursos presente na obra de Tucídides.

Cada vez mais nos aprofundamos em direção ao nosso objeto de estudo, sendo importante tentar entender esta questão sobre os discursos na História da Guerra do Peloponeso - sempre para o melhor entendimento da análise que está por vir.

A arenga militar é um tipo de discurso que, ao longo de toda a Antiguidade, se caracterizou por suas múltiplas possibilidades na hora de refletir as diversas situações exortativas que podem dar-se numa obra historiográfica. (ZOIDO, 2007, p. 37)

A partir disso, observemos o que Juan Carlos Iglesias Zoido tem a contribuir sobre este assunto:

Um dos elementos mais importantes na hora de estabelecer uma tipologia da arenga frente a outros tipos de discurso se baseia em sua característica disposição antilógica. [...] no caso da arenga nos encontramos ante o tipo de discursos em duplas mais "artificial": que apresenta a dois oradores que, frente auditórios distintos, pronunciam discursos em que os argumentos empregados chegam a contrapor-se ponto a ponto. [...] E, no caso tucidideano, que é o primeiro em que se observa seu emprego, este critério tipológico permite agrupar as arengas e os discursos deliberativos nos quais se exorta na guerra. (ZOIDO, 2007, p. 38,39)

Esse tipo de caso nos é apresentado diversas vezes ao longo da leitura da obra, onde presenciemos o embate de dois discursos, que podem ser de estrategos na eminência de uma arenga ou de políticos numa assembleia. Tucídides a insere – a arenga – de diferentes modos: algumas vezes em estilo indireto, apenas esboçado, e em outras em estilo direto, amplamente desenvolvido para desempenhar novas funções. Como por exemplo, adiantar acontecimentos (expondo a tática realizada por cada exército que a continuação da narração executará), assim manifesta o caráter e inteligência de um general e esclarece os motivos pelos quais ocorre uma vitória ou uma derrota.

A aplicação de sua metodologia lhe permitiu, por um lado, seguir sendo fiel ao método Homérico de arenga onde sua narração requeria; e, por outra criar um novo tipo de discurso, introduzindo frente a seus predecessores importantes novidades no processo compositivo da arenga militar (ZOIDO, 2007, p. 44).

É sobre os discursos expostos em caráter direto que vamos nos concentrar. Para a maioria dos leitores quando apresentados frente a um discurso, dentro de um texto, é comum que esperem a reprodução integral do que foi dito. Porém no caso de Tucídides suas arengas em estilo direto obedecem a uma dupla intenção que se ajusta: por uma parte, a apresentar o que realmente tenha sido pronunciado; mas também, expressar o que o historiador considera provável que os generais e políticos haviam pronunciado.

Para um leitor desavisado provavelmente este ponto parece controverso; porém, com uma reflexão mais longa sobre esta questão pode-se perceber que a maior parte dos discursos historiográficos são resultados, em maior ou menor grau, da compreensão do que foi realmente pronunciado, e no caso as arengas são consequência de um processo de amplificação de aqueles poucos argumentos que um general poderia realmente pronunciar ante suas tropas. É uma ampliação para abordar o que foi dito, *ipsis litteris*, mas também tem como função apresentar o sentido do discurso, o que a mera reprodução das palavras em si não conseguem abarcar (ZOIDO, 2008, p. 44).

As múltiplas funções desempenhadas e a facilidade de adaptação deste novo tipo de discurso militar, (persuade, exorta ou aconselha, dependendo do contexto narrativo), converteram as arengas de Tucídides em modelo de oratória militar para as gerações

vindouras de historiadores (1983 ; 1985 apud Zoido, 2008, p.47)<sup>27</sup>. Outra questão interessante de se perceber nos discursos presentes na obra é que as arengas militares de Tucídides têm sido compostas de um modo similar aos discursos que tratam o tema da guerra. Os tópicos próprios deste tema deliberativo podiam, facilmente, ser transferidos desde a assembleia popular até constituídas por soldados-cidadãos. (1963 apud Zoido p. 294-5)<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> FORNARA, C.W. The Speeche in Greek and Roman Historiography. In: \_\_\_\_\_The Nature of History in Ancient Greece and Rome. Berkeley: UC Press. 1983. p.142-163. - WALBANK, F.W. Speeches in Greek Historians. Cambridge: Univesity Press, 1985. p. 242-261

<sup>28</sup> MOSSE, C. Armée et cite grecque (à propos de Thucydide VII, 77. 1963. Revue dès Études Anciens, 65. p. 290-297.

### 3. OS DISCURSOS DE ARQUÍDAMO E O ELOGIU DA SOPHROSYNE

#### 3.1 O confronto se aproxima: deliberação e comedimento

Os trechos da obra a serem analisados são referentes às passagens dos discursos proferidos por Arquídamo: rei dos lacedemônios<sup>29</sup>. O primeiro discurso é proferido em reunião fechada apenas para os lacedemônios, dentro de uma assembleia maior realizada em seu território, ainda no Livro I; nesta peloponesos, coríntios, atenienses e outros povos debatem a respeito da ação tomada por Atenas ao sitiar Potidéia. O segundo discurso é uma exortação militar proferida antes da campanha inicial, no Istmo de Coríntio, que liga o Peloponeso a parte continental da Grécia.

A escolha de tal personalidade para análise não foi aleatória, para que se possa entender porque ele foi selecionado é importante saber como os indivíduos são apresentados na obra de Tucídides. Para David Gribble, em seu trabalho *Individuals in Thucydides*, ocorre uma evasão no tratamento das individualidades; não que haja qualquer escassez em referências a homens importantes no período, o que ocorre é um distanciamento do tratamento mítico<sup>30</sup> com a finalidade de não banalizar a *mithodes*<sup>31</sup> - por isso poucos personagens têm algum tipo de destaque.

Seguindo o texto, o autor nos apresenta três elementos que, segundo ele, definem o tratamento dos indivíduos na obra. Primeiro, a ocorrência de algum tratamento específico ou detalhe sobre quem está sendo evocado, rigorosamente algo restrito a sua função pública (militar ou política) sem maiores referências sobre família, posses, disputas pessoais ou quaisquer outras possíveis questões. Segundo, incapacidade de desenvolver a história completa do indivíduo, eles apenas são evocados para prestarem sua função nos eventos e depois desaparecem, através de Tucídides não recebemos mais nenhuma outra informação que não esteja diretamente envolvida com a narrativa propriamente dita. E terceiro é a ausência de moralização na representação da pessoa apresentada para que características

---

<sup>29</sup> Tucídides 1.80-85 e 2.11.

<sup>30</sup> E, portanto se distanciando dos trabalhos de Homero e Heródoto.

<sup>31</sup> O mítico.

de sua conduta não interfiram na história, exceção apenas para características relacionadas às funções públicas exercidas<sup>32</sup>.

Dentro do que apresentado Arquídamo não se configura como uma excessão<sup>33</sup>, portanto dentro do comum nos casos apresentados na obra. Gribble também propõe uma relação direta entre as características do indivíduo e os atributos que representem sua *polis* de origem, sendo assim os discursos analisados também representam – em certo ponto<sup>34</sup> – elementos de comuns de Esparta. Além disso, Arquidamo é referido de maneira elogiosa<sup>35</sup> por Tucídides, o que demonstra ser um modelo positivo para ser analisado. Por todas estas características acredito que ele se configura com um bom exemplo para o que pretendo apresentar neste trabalho.

Importante que seja apresentado também algumas referências sobre retórica e em que elementos ela terá aplicabilidade na análise. Para tanto, podemos dizer que nos dias de hoje a retórica recebeu uma série de significados distintos: para o senso comum ela está associada a uma fala empolada, falsa, manipular o indivíduo (com a conotação negativa que podemos atribuir), outra maneira de interpretar seria elogio acerca de uma inteligente fala. (REBOUL, 1995 p. XIII)

Neste trabalho entenderemos como retórica a definição apresentada por Olivier Reboul, em seu trabalho *Introdução à retórica*: “é a arte de persuadir pelo discurso<sup>36</sup>.” (REBOUL, 1998, p. XIV).

Para Perelman e Tyteca a retórica se configura como arte de argumentar que tem como objetivo conseguir a adesão de outra pessoa e que a partir do convencimento ela passe a tomar alguma atitude (ação) favorável a ideia que se propõe. (apud. REBOUL, 1995, p. XIII)

Para que isso ocorra é necessário um encadeamento de argumentos, com a intenção de convencer o interlocutor - que deste momento em diante vamos chamá-lo de auditório - a partir de uma série de fatores (idade, sexo, profissão, cultura, conhecimento, expectativas, etc). Esses fatores se encontram dentro do que Perelman convencionou de acordo prévio,

<sup>32</sup> Por exemplo, as características que Péricles atribui a si mesmo. (Tuc. 2.60.5)

<sup>33</sup> Segundo o autor apenas Nicias e Alcibíades se configuram como exceções. (GRIBBLE, p. 468)

<sup>34</sup> O éforo Stenelaídas é um exemplo de oposição.

<sup>35</sup> ξυνετὸς (inteligente) e σώφρων (sensato). (Tuc. 1.79.2)

<sup>36</sup> Por discursos entenderemos toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido. (REBOUL, 1998, Introdução p. XIV).

premissas comuns entre orador e auditório, onde os argumentos deverão se desenrolar para que ocorra o entendimento e a adesão do auditório. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 23)

Segundo Aristóteles (apud. REBOUL, 1998, p. 47) retórica se aplica dentro de três gêneros de discurso: o judiciário, epidíctico e o deliberativo. Cada um se encontra dentro de uma série de características.

O discurso jurídico é como ato realizar a acusação ou a defesa de um determinado tema, normalmente seu auditório é composto por juízes; já o epidíctico tem como propósito censurar ou louvar (uma cidade, ser lendário, mortos em batalha) e se direciona a um espectador; no caso do deliberativo sua função é aconselhar ou desaconselhar sobre questões relativas à administração da cidade; como por exemplo, assuntos afeitos a paz ou a guerra, a defesa da cidade, impostos, orçamentos, legislação e possui como público alvo assembleias que discutirão estes assuntos.

Estes gêneros também variam com relação a que tempo (cronológico) pretendem abordar: enquanto que o jurídico se dedica a questões relativas a acontecimentos do passado, uma vez que, só acusa ou se defende sobre atos acontecidos; o epidíctico versa sobre principalmente sobre o tempo presente, visto que todos louvam ou censuram o fazem sobre os eventos atuais, mesmo que o façam evocando o passado e conjecturando o futuro e o deliberativo se concentra no futuro, aconselhando sobre que possa ocorrer ou não. Com isso podemos observar que cada deles trata a respeito de um período diferente - passado, presente e futuro.

A partir deste ponto, já existem condições para que se possa realizar as primeiras análises sobre o discurso de Arquídamo. O primeiro discurso se realiza ante uma assembleia exclusiva aos lacedemônios e na qual será responsável por decidir seu posicionamento perante o iminente confronto bélico que se avizinha. A fala de Arquídamo se dá posteriormente as falas dos coríntios e dos delegados atenienses presentes no evento e tem por pretensão aconselhar seus companheiros a tomarem a decisão mais acertada sobre a situação que poderá estar por vir, no caso para ele, não entrar em conflito no momento e se preparar para o embate no futuro; ele fala em oposição ao éforo Estenelaídas que apresenta um argumento oposto ao seu.

Já o segundo se configura como uma pequena exortação proferida logo após os acontecimentos de Plateia<sup>37</sup>, no instante em que se inicia a expedição que visa a invadir a Ática. Ambos os casos são complexos de avaliar a qual gênero eles pertencem.

Mesmo que o discurso proferido em uma assembleia seja normalmente interpretado como deliberativo e um discurso de preparação para guerra, configure gênero epidíctico, temos que levar em conta, primeiramente, que Tucídides escreve sua obra antes da normatização proposta por Aristóteles, portanto sua escrita não foi realizada procurando enquadrar seus textos neste método. Todavia, não significa que é impossível observar elementos de um, ou mais, elementos discursivos dentro destas exortações.

Ao longo da leitura das passagens poderá ser observado que elas envolvem elementos entre dos gêneros epidíctico e deliberativo. O primeiro discurso se apresenta mais próxima do gênero deliberativo, já que, o principal objetivo da sua fala é advertir seus companheiros dos problemas que podem ocorrer a partir da decisão que for tomada; mesmo assim é possível encontrar elementos do epidíctico, como no último capítulo em que se faz referência aos feitos de seus antepassados. O segundo segue a mesmo sentido, uma vez que, concomitante à fala que exalta os peloponésios e aliados para o combate, Arquídamo também os aconselha sobre os perigos da guerra, sobre a honra e a cautela frente aos inimigos.

Se busca com esse trabalho é entender como Arquídamo relaciona a ousadia, compreendida na ação de enfrentar o inimigo, com a razão, aqui configurada como a reflexão para o ato. Com a intenção de encontrar os juízos de valor associados a esta relação, buscando argumentos para isso, com qual intenção e o quê ele pretendia suscitar.

A análise será dividida em duas partes: na primeira, analisaremos o discurso na assembleia; e depois, a exortação. Em ambos os casos serão apresentados às passagens antes da análise da mesma. Cabe que ressaltar que no caso do primeiro discurso não apresentaremos todas as passagens, tendo em vista que se trata de uma fala longa e que em diversos trechos os argumentos contidos não fazem referência ao que nos interessa neste momento.

---

<sup>37</sup> Tucídides 2.10.1

Vamos iniciar analisando o capítulo que abre o discurso:

**[1.80].** Eu próprio já tenho experiência de muitas guerras, lacedemônios, e vejo que também a têm os que, dentre vós, são de minha geração, de forma que ninguém deseja a efetivação de uma guerra, quer por inexperiência, o que seria o caso da maioria, quer por julgá-la boa e segura. **[2].** Descobriríeis que esta guerra, que agora discutis, não é de importância mínima, se sobre ela houvesse um cálculo sensato (*eklogizoito*). **[3].** Diante dos peloponésios e de nossos vizinhos, os recursos que temos são equivalentes e podemos atacá-los um a um; mas, diante de homens cujo território fica distante, que têm além disso grande experiência no mar e são mais preparados em todos os outros pontos: riqueza particular e pública, navios, cavalaria, tropas e população em quantidade que não existe em nenhuma outra parte da Hélada, que têm ainda muitos aliados sujeitos a tributo, contra tais homens como provocar levianamente uma guerra? Despreparados, em que confiaremos para ceder à precipitação (*epeichteinai*)? Nos navios? Ora, nisso somos inferiores; antes de exercitar-nos e preparar-nos contra eles, passará algum tempo. No dinheiro então? Ora, nisso eles nos deixam bem para trás: nem o temos em comum, nem prontamente o tiraríamos dos bens particulares.

O que podemos destacar a partir desse ponto? Que Arquídamo se apresenta como homem versado nas artes da guerra; entretanto, independente disso tanto ele como outros peloponésios presentes na assembleia não desejam o conflito; ainda mais em se tratando de algo da magnitude que se avizinha. Para defender tal posicionamento ele nos traz uma série de juízos a respeito das condições que os peloponésios possuem em comparação aos atenienses para um enfrentamento no contexto em que ele apresenta.

Nesta passagem, além de sua auto-apresentação também somos apresentados ao público para o qual ele dirige a palavra. É possível perceber a presença de homens com as mais diversas experiências na guerra: alguns já experientes (o orador incluso), como também de jovens debutantes. Creio que realizando tal apresentação Arquídamo pretende conseguir a atenção de todos<sup>38</sup> que se encontram na assembléia; uma vez que, segundo suas palavras, o tema sobre o qual se delibera é de interesse de todos.

Nos capítulos seguintes<sup>39</sup> Arquídamo aprofundará suas reflexões a respeito de cada um dos juízos levantados por ele no capítulo 80. Na leitura é possível perceber que ele não se nega a fazer a guerra, todavia, sua pretensão é aconselhar para caso ocorra o conflito que peloponésios e aliados estejam prontos para ele. Numa das passagens do capítulo 82 podemos constatar isso com clareza:

<sup>38</sup> Perelman e Tyteca, 2005, p. 21.

<sup>39</sup> Tucídetes. 1.81-83.

**[1.82.1].** ... mas que não empunheis as armas ainda, que envieis delegações e os censureis sem dar muito a perceber que haverá guerra e não nos dobraremos nesse ínterim, preparemos os nossos próprios recursos...

Observa-se que a moderação - é a razão no sentido de cálculo aplicado à avaliação das condições espartanas para guerra - orienta a ousadia, estar preparado prevalece na argumentação sobre o ímpeto de retribuir a afronta.

Há mais passagens na obra que fazem referência a este ponto de vista:

**[1.82.2]** E, se os atenienses derem alguma atenção às nossas delegações, será ótimo; se não, depois de um prazo de dois ou três anos, já mais bem resguardados, se esta for nossa decisão, atacá-lo-emos.

Aqui podemos constatar que não é o enfrentamento que preocupa o orador, mas sim em que condições, lacedemônios e aliados, se encontrarão para realizá-lo. Por sinal este é um tema (a condição para a guerra) recorrente na sua fala, os cuidados com os preparativos se fazem presentes porque Arquídamo está preocupado com o desfecho do conflito; para que uma vez tomada a decisão que já esteja velada a honra de seu povo:

**[1.82.5]** Se a devastarmos sem preparo, pressionados pelas queixas dos aliados, cuidai que não criemos uma situação mais desonrosa e difícil para o Peloponeso. **[6].** As queixas de cidades e de indivíduos é possível dirimir, mas uma guerra que, em conjunto provocamos por causa de interesses particulares e cujo curso não é dado prever, não é fácil terminar de maneira decente.

Mais uma vez, a razão é preponderante a ação; todavia, ela toma um novo viés. Se antes a ponderação versava a respeito do preparo para o combate, agora o pensamento que toma a frente faz menção à honra dos lacedemônios. A reflexão está pautada na avaliação de um conjunto de interesses que ele parece pesar; de um lado a influência e os interesses dos aliados, por outro quais as consequências tomadas a partir dessa interferência podem causar ao renome de seu povo.

Os argumentos de Arquídamo transitam nas mais diferentes ordens. Como vimos no trecho anterior ele apela para a honra ao tentar suscitar a ponderação sobre o evento. Outro ponto de reflexão muito presente nas palavras do estrategista é sobre os custos da guerra.

Observe:

**[1.83.1]** E ninguém julgue covardia que muitos não ataquem com rapidez uma cidade só. Eles também têm, em número não inferior, aliados que lhe trazem recursos financeiros, e a guerra, no mais das vezes, não é questão de armas, mas de despesas.

Adiante segue-se as reflexões sobre o tema:

**[2].** Primeiro, portanto, trataremos de prover os recursos e não nos deixemos levar, antes disso, pelas palavras dos aliados e, se somos nós os que terão a maior parte da responsabilidade pelas consequências num e noutro sentido, com calma façamos alguma previsão sobre ela.

Outra vez Arquídamo expõe sua ordem de preocupações sobre o tema deliberado, colocando em primeiro lugar os preparativos para o evento. Nesta passagem presenciamos novamente sua inquietude com a influência das palavras dos aliados. Esta é uma alegação recorrente em suas palavras, o que à princípio pode apresentar certa estranheza, porém é importante para o leitor ter em mente que a deliberação de Arquídamo corresponde a um conjunto de discursos maior, no qual não se deve interpretar sua oração de maneira isolada aos demais.

Em sua fala fica evidente a preocupação as possíveis influências causadas pelos discursos de seus aliados, mais especificadamente dos coríntios, ilustra bem esta situação:

**[1.70]** E ao mesmo tempo, mais que qualquer outros, nós julgamos que nos cabe lançar uma censura aos vizinhos, sobretudo quando são grandes os interesses em jogo cuja importância, parece, não estais percebendo. Nem jamais calculastes contra que tipo de inimigo será a luta. São atenienses! Quanto e como diferem de vós em tudo!

**[2].** Eles são inovadores e vivos no planejar e realizar o que têm em mente; vós preservais o que já tendes, nada planejais e em ação não alcançais nem sequer o necessário. **[3].** E ainda, eles são audazes além da força, não confiar nem sequer nas reflexões seguras e julgar que jamais vos livrareis dos perigos. **[4].** Eles são ainda resolutos e vós, hesitantes; dispostos a deixar a sua terra e vós, apegadíssimos à vossa, pois eles julgam que da ausência tirarão proveito e vós, que com o partir prejudicareis até o que já tendes à disposição. **[5].** Quando estão dominando os inimigos, avançam mais do que ninguém; quando estão sendo vencidos, menos do que ninguém se abatem. **[6].** E ainda, de seus corpos, eles dispõem em defesa da cidade com o maior desprendimento, mas, de seu julgamento, com o maior apego para realizar algo em favor delas; **[7].** E, se não alcançam o que imaginaram, julgam-se privados de bens que são seus; se conquistam o que buscaram, julgam ter realizado pouco em comparação ao que está por vir e, se falham numa tentativa,

concebendo novas esperanças preenchem a carência; só para eles dá no mesmo ter e esperar o que imaginam, porque põe em execução rápida o que decidiram. [8]. E, por isso tudo, entre fadigas e riscos, sofrem durante todo o tempo e gozam o menos possível do que têm a mão, porque estão sempre adquirindo e porque consideram festa apenas fazer o que devem, e desgraça não menos a tranquilidade na inação que a atividade na provação. [9]. Assim, se alguém resumindo dissesse que, por natureza, nem a si mesmos nem aos outros eles deixam ter tranquilidade, falaria com acerto.

Isto ocorre dentro do contexto em que são apresentadas as falas de Arquídamo, elas realizam uma negação ao valor do *logos* proposto pelos coríntios; em grande parte porque em suas passagens – dentro da reunião no Peloponeso – estão claros os motivos do descontentamento deles frente a demora na tomada de uma ação contra os atenienses.

[1.71]. Embora esteja diante de vós, lacedemônios uma cidade como essa, continuais a hesitar: acreditais que a tranquilidade não perdura para homens que, com suas armas, praticam atos de justiça e, com sua decisão, quando seus direitos são feridos, mostram claramente que não se dobrarão; vós, ao contrário, sob condição de não fazer sofrer prejuízo é que exerceis a equidade. [2]. A custo, vizinhos de uma cidade como essa, conseguiríeis isso, na realidade, e já o demonstramos há pouco, os vossos processos em comparação aos deles são antiquados. [3]. É forçoso que, como na técnica, as novas conquistas sempre prevaleçam; quando a cidade está tranqüila, os hábitos imutáveis são os melhores, mas, quando se é forçado a atacar muitos problemas, é preciso ter também muitos recursos novos. É por isso que os atenienses, graças à larga experiência, muito mais do que vós se renovaram. [4]. Que este momento, portanto, marque o fim de vossa lentidão: agora aos outros e aos potideatas sobretudo, como prometestes, prestai auxílio invadindo com rapidez a Ática para não abandonar aos piores inimigos homens que são amigos consanguíneos vossos e para não levar a nós outros a procurar pelo desânimo uma outra aliança. [...] [7]. Em face dessas advertências, deliberai bem e procurai ter o Peloponeso, sob vossa hegemonia, não menor do recebestes de vossos pais.

O próximo capítulo é fundamental para que possa perceber a relação que estamos propondo:

[1.84] Da demora (*brady*) e da hesitação (*mellon*), o que mais nos censuram, não vos envergonheis. Apressando-vos, levareis maior tempo para chegar ao fim por fazer um empreendimento sem preparo (*scholaitapon*); e sempre vivemos numa cidade livre e, ao mesmo tempo, de muito bom nome; [2]. graças a elas, só nós nos êxitos não nos excedemos de orgulho e nos infortúnios dobramo-nos menos que os outros; não nos exaltamos com o prazer que nos causam os que, elogiando-nos, nos estimulam a aventuras que não aprovamos e se, com uma acusação, alguém nos incita, não é por isso que, ressentidos, nos deixamos persuadir.

A partir deste trecho podemos constatar que um dos motivos para hesitação proposta por Arquídamo reside na formação espartana. Segundo ele serão a demora e da

“hesitação<sup>40</sup>” as responsáveis pelo devido preparo para o empreendimento (a guerra) o que levará ao melhor resultado; pois são elas as responsáveis pelo equilíbrio nos bons e maus momentos da polis e os protegem contra a persuasão de terceiros.

Seguindo nesse sentido encontramos outras passagens neste capítulo:

[1.84.3] Viemos a ser aguerridos (*eupychia*) e criteriosos através da moderação (*eukosmon*); somos aguerridos (*polemikon*), porque o pundonor tem muitíssimo de sabedoria como de brio tem a valentia; criteriosos, porque nossa formação nos fez muito rudes para o menosprezo das leis e, com seu rigor, muito sábios para desobedecê-las. Graças a nossa formação, não acontece que, sendo muito perspicazes em coisas inúteis, usemos da palavra para criticar os recursos dos inimigos, mas na ação os enfrentamos com menor brilho; julgamos, ao contrário, que os planos dos outros são equivalentes aos nossos e que os golpes de sorte não são discerníveis pela razão.

Nesta passagem, somos apresentados à relação de bravura e comedimento de maneira mais direta. Arquídamo apresenta ao auditório a relação do homem aguerrido e criterioso onde esses dois elementos estão subordinados a moderação (*sophrosyne*)<sup>41</sup>, os dois primeiros convergem num sentido de equidade cabendo a moderação ser a mediadora das boas ações. Mais especificadamente a respeito do apreço as leis e a sabedoria no momento de desobedecê-las.

Mais uma vez Arquídamo faz alusão às tradições para apresentar as virtudes do seu povo; graças a elas, possuem a perspicácia de avaliar os pontos fracos de seus inimigos, entretanto, mesmo assim não subestimam seus adversários no momento do combate. Esse é um ponto importante porque ele está fazendo está longa apresentação aconselhando seus companheiros a seguirem os conceitos desenvolvidos pelos antepassados; bravura e comedimento não são apenas sugestões que ele traz para o auditório, são lembranças das tradições. O último capítulo deste discurso ilustra bem esta questão:

[1.85.1] Portanto, esses cuidados que os nossos pais nos legaram e que conservamos sempre com proveito, não os deixemos de nem, apressados, em uma pequena parte do dia deliberemos sobre tantas vidas e tanto dinheiro, sobre tantas cidades. [2.] [...]

<sup>40</sup> Aqui entendida como um elemento do bem julgar.

<sup>41</sup> Apud. Anna Lia Prado, Nota 205. No grego, τὸ εὐκοσμον. Pelo contexto verifica-se que, assim como αἰδώς e αἰσχύνης são tomadas como sinônimos para expressar a ideia de “senso de honra” e πολεμικόν como sinônimo de εὐψυχία, retoma um conceito já expresso por τὸ εὐκοσμον. Daí a tradução de τὸ εὐκοσμον por moderação (= σωφροσύνη, comedimento). Cf. SOLMSEN, F., *op. cit.*, p. 390-2.

Preparai ao mesmo tempo a guerra. Essa decisão será mais eficaz e, para os adversários, a mais temível.

Como apresentado acima, Arquídamo leva muito em consideração as tradições, sendo elas orientadoras de seus argumentos, ainda mais com a importância do evento que está sendo discutido. Em seu encerramento ele reitera novamente seu posicionamento, deliberar sobre o contexto preparando-se para um iminente conflito para que estejam em condições de enfrentar seu adversário.

Note que Arquídamo não se furta do combate, ele deseja que caso ocorra que seja em melhores condições para os peloponésios.

### 3.2 Espartanos vão à batalha

Para realizar a análise do segundo discurso ocorre uma situação diferenciada; tendo em vista que não há a tradução do livro 2 por Anna Lia Prado e o trabalho realizado por Gama Kury<sup>42</sup> não corresponde exatamente as necessidades que a análise de discurso necessita. Para que essa questão fosse resolvida para o trabalho realizei a tradução do discurso; procurando, na medida das minhas condições, ser criterioso com relação ao posicionamento das palavras e o sentido do texto.

Esse trabalho só foi possível com a ajuda do acesso a obra em outros idiomas, através do Projeto Perseus (que disponibiliza a obra no original e em inglês) e o trabalho de Robert B. Strassler em *The Landmark Thucydides* (1998). Utilizando o tradutor do google<sup>43</sup> pude realizar esta tarefa traduzindo do inglês e também alguns trechos foram possíveis traduzir a partir do grego original da obra, procurando consultar o trabalho do Mário da Gama Kury.

Depois desta digressão para contextualizar a análise a seguir devemos voltar nossa atenção para o próximo discurso. Diferente do primeiro no qual Arquídamo falava frente a um auditório e possuía o éforo Estenelaídas como seu opositor no debate, esta segunda passagem corresponde a uma arenga militar exortatória proferida - como já dito - na partida das forças peloponésias para o conflito. Cabe chamar a atenção para que como ocorrido na

---

<sup>42</sup> Tal decisão foi tomada a partir de problemas na tradução constadas pelo orientador e que devido a situação aproveitei a oportunidade para realizar um exercício de tradução; sempre respeitando as versões produzidas pelo Mário da Gama e Kury e Robert Strassler, tendo em vista que o TCC é um exercício de pesquisa.

<sup>43</sup> <http://translate.google.com.br/> (Acesso em: 15 de novembro de 2011).

análise anterior determinadas partes do discursos não constarão aqui, porque não versam sobre o que se procura apresentar neste trabalho.

Logo que as forças se juntaram, Arquídamo, rei dos lacedemônios e comandante da expedição, convocou os chefes de cada cidade, as principais autoridades e os homens mais notáveis e lhes dirigiu a seguinte exortação<sup>44</sup>:

[1] Peloponésios e aliados, nossos pais fizeram muitas campanhas dentro e fora do Peloponeso, e os homens mais velhos entre nós aqui não são sem experiência na guerra. Ainda que nunca se tenha saído com uma força maior do que o presente, e se os nossos números e eficiência são notáveis, assim também é o poder da pólis contra o qual caminhamos.

No início deste novo discurso Arquídamo evoca elementos presentes em sua fala na assembléia. Sua referência ao notável conflito que se inicia e o sempre presente valor aos antepassados. Ele cita nesse caso não só os peloponésios, agora os aliados também se fazem presentes em suas palavras o que nos permite identificar o novo auditório ao qual dirige suas palavras.

[2] Não devemos mostrar a nós mesmos ser inferior aos nossos antepassados, ou aquém da nossa própria reputação. As esperanças e atenções de todos na Hélade são voltadas para o nosso esforço presente, sua simpatia é para com o inimigo da odiada Atenas.

Nesta passagem do discurso fica claro que há para ele uma certa competição em conseguir realizar grandes feitos na mesma medida de seus antepassados, ou talvez mais. Outra questão interessante desta parte é o apoio das demais *poleis* aos peloponésios contra os atenienses; Tucídides já havia feito tal referência: a Hélade estava na expectativa e havia simpatia para com os lacedemônios; sobretudo porque eles possuíam a intenção de libertar todos do julgo ateniense, do qual nutriam grande animosidade por desejarem fugir do seu julgo, ou por temer sofrê-lo<sup>45</sup>.

Estas duas primeiras passagens são interessantes de analisar do ponto de vista que, apesar de Arquídamo estar exortando a partir das virtudes do seu povo e de seus aliados, o que podemos pensar na evocação de um sentimento coletivo (*pathos*) para inflamar os ânimos para o combate; entre parece mais ele apresentando suas angústias em

<sup>44</sup> Tucídides 2.10. Tradução de Mário da Gama Kury.

<sup>45</sup> Tucídides 2.8.5.

suscitar o desejo de fazer tanto ou mais que seus antepassados. Em contra partida também pode-se interpretar todos esses apelos ao renome dos antepassados por grande parte de suas forças serem compostas por jovens entusiasmados que só desejavam guerra, a primeira na qual iriam participar.

A partir desse ponto, em que os ânimos estão elevados, Arquídamo passa a dar conselhos a seus subordinados.

[4]. O curso de guerra não pode ser previsto, e seus ataques são geralmente ditadas pelo impulso do momento, e onde arrogante de auto-confiança tem desprezado pela preparação, muitas vezes uma força menor, por estar temerosa, é capaz obter a vitória contra um inimigo com superioridade numérica. [5]. Não que a confiança deve estar fora em um exército de invasão, mas em uma terra hostil deve-se sempre ser ousado em pensamento, mas cauteloso na ação: por esta combinação as tropas serão mais valorosos no ataque, e mais firmes na defesa.

Arquídamo revela suas preocupações com a intemperança que pode originar do tamanho das forças que se movem para guerra; mantendo a coerência com seu discurso na assembleia no Peloponeso ele orienta que a melhor se dá com preocupações e apreensões.

É interessante observar que mesmo em situações tão diferentes; na primeira uma deliberação frente a uma assembleia e na outra uma arenga exortatória Arquídamo consegue conciliar uma mesma proposição: a preponderância da moderação frente a bravura. Mais uma vez é a moderação frente a um obstáculo, neste caso agora a guerra propriamente dita, que permitirá o melhor desempenho, lutar melhor e sair vencedor, mesmo que em desvantagem.

O orador segue suas reflexões sobre o tema:

[7]. Para os homens sempre exasperados em sofrimento e com feridas as quais não estão acostumados, ao vê-las infligidas diante de seus olhos, é onde a cólera nos inflama e nos inclinamos menos para a prática da reflexão (λογισμῶ), e passasse a agir com maior impetuosidade (καθίστανται).

O sétimo parágrafo é diferente dos demais, pois trata do que Maria de Fátima S. Francisco vai chamar em seu artigo<sup>46</sup> de “patologia da guerra”, este estado de anomia – representado pela situação adversa do sofrimento – onde o homem perde o ato de reflexão e passa a agir de maneira impetuosa. O ponto aqui é no rompimento da boa conduta a

<sup>46</sup> Será desenvolvido no cap.3.

impetuosidade proposta aqui difere da bravura que se pretende analisar, esta segunda também pode ser definida como boa coragem<sup>47</sup>.

Por fim ele encerra esta segunda passagem:

[9]. Considerando, portanto, o poder da pólis contra o qual estamos marchando, e a grandeza do prestígio de que, de acordo com o evento, vamos ganhar ou perder para os nossos antepassados e para nós mesmos, lembre-se de seguir o caminho traçado que vos levará. Considere a disciplina (kosmon) e a vigilância em primeira importância, e obedecer com presteza às ordens transmitidas a você; como nada contribui tanto para o crédito e segurança de um exército como a união de grandes massas unidas por uma única disciplina.

Em seu encerramento todos os elementos presentes ao longo dos dois discursos, a grandeza do evento na qual eles farão parte (aqui representado pelo poder da *polis* adversária); a relação com os prestigiosos dos antepassados e no final colocando em destaque de importância a disciplina e a vigilância, que se configuram como representantes do comedimento, como os elementos responsáveis por garantir a vitória sobre seus adversários.

Em resumo, podemos observar análise do discurso de um rei destacado pelas fontes como dotado de “inteligência ponderada”, amante da tradição, inimigo da precipitação, da ação sem logismos. Buscando definir quais os argumentos, valores e emoções invocados em duas situações distintas: deliberação e arenga- militar-exortatória consigam persuadir seu auditório a adesão as causas por ele defendidas.

### 3.3 Discussão pendente

Ao final de minhas leituras para a conclusão deste trabalho me deparei com o artigo de Maria de Fátima S. Francisco, intitulado Um esboço de análise de “patologia da guerra” de Tucídides. Como já citado anteriormente, ela apresenta o conceito de “patologia da guerra”.

Vamos ver como ela trabalha esta questão:

---

<sup>47</sup> Para conferir:  
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=eu%29yuxi%2Fa&la=Greek&can=eu%29yuxi%2Fa0&prior=de\&d=Perseus:text:1999.01.0199:book=1:chapter=84:section=3&i=1>

A gnóme é a disposição interior porque compõe numa certa ordem o logós (razão) e as orgái (paixões). Na melhor disposição é o logós que orienta a conduta sobrepondo-se as orgái. Na guerra a intervenção desequilibradora parte do exterior e assume a forma de um “mestre violento”. Um mestre não violento modela a alma do aluno a partir do consentimento deste, sem excluir-se a liberdade. São no entanto as necessidades “coercedoras”, derivadas da dificuldade de obtenção dos “meios para o dia-a-dia”, que impõe a subversão entre logos e orgái. ( FRANCISCO, M.F.S. 1989, p. 17)

Como se pode observar o trabalho da autora apresenta especial interesse com o elemento presente na passagem 2.11.7. A guerra do Peloponeso, diversa das anteriores, extrai seu ineditismo da anomia<sup>48</sup> (1989, p. 16), onde as experiências que derivam do conflito acabam por desestabilizar este frágil equilíbrio entre *logos* (razão) e as *orgai* (paixões). Ela ainda segue explicando que a doença que atinge a gnome subverte os valores vigentes anteriormente a guerra e é destes que se precisa para bem julgar o fenômeno diante de si.

E encerra seu trabalho escrevendo:

Assim, o logós é entendido como razão que orienta a boa conduta, seja como discurso, é compreendido durante a guerra como meio de dissimulação das verdadeiras intenções da ação ou pensamento. (MARIA FRANCISCO, 1989, p. 21)

Parece que a princípio pode haver uma colisão entre a análise que proponho e a realizada por Maria Francisco há muitos anos atrás, mas não precisa ser necessariamente assim. Minha fonte de análise são os discursos de Arquídamo, encontrados mais precisamente nos capítulos 1.80-85 e 2.11; enquanto que Maria Francisco usa como fonte as passagens 3.82-83 que se encontram em outro momento do evento narrado por Tucídides, mais precisamente sobre efeitos ocorridos dentro da guerra civil conduzida em Cócira.

Outro ponto que diferencia os trabalhos está na relação que se busca alcançar, no caso dela é necessário um estado de anomia para que *orgai* desestabilize a “balança”, enquanto que, um dos elementos que são várias vezes reforçados por Arquídamo em seus discursos é exatamente o cuidado para esta situação não ocorra.

---

<sup>48</sup> Estado de falta de objetivos e perda de identidade, provocado por intensas transformações. Emile Durkheim, *Le suicide : étude de sociologie*, PUF, Paris, 1999.

Procuro entender a relação desejável que Arquidamo propõe estabelecer entre razão e ousadia, já Maria Francisco procura uma relação quando se encontra em estado de exceção.

Ponderemos Romilly (1995, p. 111) a respeito de suas reflexões sobre o tema:

Mais que o triunfo desta ou daquela tática, o que Tucídides nos mostra em uma batalha é, na verdade, o triunfo da inteligência. Precisamente porque a vitória militar se transforma em raciocínio verificado, fica claro que a inteligência pode e deve ser o agente dessa vitória. [...] É claro que as qualidades morais são necessárias. Em Tucídides, porém, encontramos-as subordinadas às qualidades intelectuais.

Como já apresentamos, os discursos são elementos importantes dentro da descrição da batalha. Mesmo que a descrição das batalhas fique por conta da parte narrativa da obra os discursos têm papel atuando neste quesito, como dissertamos anteriormente Tucídides dá aos discursos um novo papel, no qual, ele interage com a narração ao mesmo tempo em que a complementa. Também encontramos uma referência específica a coragem e inteligência:

A própria coragem das tropas, que evidentemente continua sendo indispensável, no fim das contas repousa em maior ou menor medida sobre a inteligência. Por sua própria existência, as arengas deixam implícito que o soldado será tanto mais valente quanto melhor compreenda as vantagens da situação. (ROMILLY, 1998, p. 112).

Como podemos observar Arquidamo compõe apenas uma parte dos discursos presentes na obra, Romilly em sua obra faz uso de outras partes<sup>49</sup> para chegar a esta conclusão. O que nos permite dizer que o trabalho de Maria de Fátima S. Francisco parece se enquadrar dentro de uma exceção dentro da obra, tal qual a condição necessária para que ela aconteça.

---

<sup>49</sup>

Batalha de Naupacto, livro II e Batalhas de Siracusa, livro VII

#### 4 CONCLUSÃO

A partir de tudo que foi exposto a que conclusões podemos chegar?

Para poder responder esta pergunta é necessário realizar uma avaliação das diversas etapas presentes nesse trabalho. Às partir das quais pretendo expor ao longo desta última parte de maneira que suscite as conclusões que pretendo apresentar.

Dentre as etapas deste trabalho; a primeira delas foi procurar destacar a importância da obra e dos discursos presentes nela, isto foi possível de se perceber graças as mudanças nos estilos de escritas desde Homero até Tucídides, onde os discursos vão adquirindo cada vez mais espaço dentro das obras . O caso de Tucídides torna-se especial devido ao protagonismo que esses elementos do texto apresentam, eles passam a ser imprescindíveis para o entendimento da obra; uma vez que, e aos termos do discurso respondem os próprios termos da narrativa, dessa forma procurando se tornarem complementares a ela.

Quanto a obra creio que, como apresentado por Murari (1999) ainda na introdução, deste trabalho, a História da Guerra do Peloponeso transcende o tempo buscando servir como instrumento de ensino para as próximas gerações. O discurso de Arquídamo ilustra bem esta situação, apesar de se referir aos peloponésios e seus aliados ele poderia ser facilmente enquadrado como orientação ainda para os dias de hoje.

Todavia a principal conclusão foi com respeito à relação que moderação e bravura apresentamos dentro dos discursos de Arquídamo. Para tanto, foi preciso encontrarmos a incidência dos termos relativos em grego nas passagens em que o orador se encontrava. Assim foi possível constatar que nas falas de dele ocorrem com maior frequência o emprego dos termos: moderação, comedimento, razão, temperança, hesitação, reflexão, inteligência e sabedoria; com relação as passagens referentes a utilização dos termos bravura, coragem, confiança e ousadia, que aparecem com menor incidência. Os primeiros termos ficam responsáveis por guiar a conduta destes últimos.

Cabe ao orador através de seus discursos a função de apresentar seus argumentos de forma que procure suscitar a coragem em seu auditório e afastar medo do que está por vir, na trajetória da guerra. Com a finalidade que eles tomem atitudes positivas ao que está sendo exposto; a fim de que, isso aconteça é importante ressaltar na fala do orador o que é justo e o que é benéfico para que seus ouvintes aderirem ao posicionamento desejado.

Como foi encontrado na obra Arquídamo cooptar os peloponesios através dos

argumentos presentes em sua falas. No discurso para aqueles aos quais se deseja a adesão, é fundamental apresentar tais temas de uma maneira que seja sempre possível perceber que a justiça e o bom caminham juntos. Esta é a melhor forma de se conseguir a adesão do auditório e a sua ação para o que se deseja (DAWSON, 1999, p.144).

Para se conseguir apresentar esta aproximação da maneira pretendida é preciso um encadeamento de ideias que venham ao encontro dos desejos daqueles que presenciam o discurso; por isso é sempre importante que o orador consiga encontrar os elementos que permitam estabelecer um vínculo com quem está ouvindo ou lendo o seu discurso. Assim como no caso de Arquídamo em suas passagens, em ambos os casos ele delibera ou exortava sobre a guerra frente a um auditório composto em sua maioria por jovens inexperientes e ávidos pelo seu primeiro conflito.

A partir deste ponto entram os elementos retóricos, são eles os responsáveis para que tudo que foi apresentado aqui se torne possível. Conforme nos diz Aristóteles (*Retórica*, 135a), tendo em vista a análise de discurso, todas as pessoas em seus diálogos de alguma maneira participam de uma e de outra forma, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender ou acusar.

Complementar a isso, há a análise de discurso, que se apresenta como uma ferramenta com qual podemos ampliar as capacidades interpretativas do que foi dito ou escrito, na tentativa de alcançar novos entendimentos interpretativos que de outra maneira não seria possível.

Para que as conclusões apresentadas aqui pudessem se expressar de maneira mais efetiva se faria necessário agregar mais discursos e mais elementos do texto de Tucídides para análise – principalmente as passagens referentes aos discursos proferidos pelos coríntios e atenienses na assembléia ocorrida na Lacedemônia no livro I, de onde foi retirado o primeiro discurso de Arquídamo. Todavia, por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso se fez mais proveitoso reduzir o material de análise para que se pudesse contemplar todas as exigências desta empreitada, entre elas o tempo de confecção do trabalho, e também apresentá-lo como a qualidade necessária de análises que o trabalho exigia.

Mas apesar do Trabalho de Conclusão de Curso se configurar como um exercício de pesquisa é possível mensurar a validade do trabalho realizado? A resposta é afirmativa.

A fonte e o caráter foram válidos, pois puderam contemplar a proposta que problema de pesquisa procura realizar: entender as relações de comedimento e bravura tais quais se aprestam nos discursos de Arquídamo.

A finalidade deste trabalho é ampliar os conhecimentos de História Antiga; ao mesmo tempo em que procura colaborar com o desenvolvimento dos estudos de arengas militares, ainda pouco comuns nas produções de trabalhos realizados, além de proporcionar novas perspectivas de análise da obra de Tucídides.

## REFERÊNCIA

DAWSON, Doyne. **As Origens da Guerra no Ocidente**: militarismo e moralidade no mundo antigo. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999.

DEWALD, Carolyn. **Thucydides' war narrative**. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 2005.

FRANCISCO, Maria de Fátima S. Um esboço de análise da “patologia da guerra” de Tucídides, **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 4, n. 7, p.15-26, jul./dez. 1989.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O início da história e as lágrimas de Tucídides. **Margem**, São Paulo: EDUC / PUC-SP, n.1, mar/1992.

GRIBBLE, David. Individuals in Thucydides. In: RENGAKOS, Antonios; TSAKMAKIS, Antonios. **Brill's companion to Thucydides**. Leiden and Boston: Brill, 2006.

HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: UnB, 2003.

\_\_\_\_\_. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

KLINKENGERG, Jean-Marie. Prefácio. In: MOSCA, L. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001.

LIMA, Paulo Francisco Butti de. **História e Retórica na Grécia Clássica**. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discursos/pdf/D21\\_Historia\\_e\\_retorica\\_na\\_Grecia\\_Classica.pdf](http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discursos/pdf/D21_Historia_e_retorica_na_Grecia_Classica.pdf)>. Acesso em: 01/07/2011.

LOPEZ FERREZ, Juan Antonio Lopez. *Tucídides*: um panorama actual (1986). **Gerión**, Madrid, Editora Universidad Complutense Madrid, Anejos de Gerión, II, 1989.

PEREIRA, Elenita Malta. “Defendamos a natureza!”: a retórica de Henrique Luiz Roessler. **Veredas da História**, [S.l.], ano 3, 2010. 2ed. Disponível em: <[http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao4/Art.20\\_Defendamos\\_natureza\\_revisado.pdf](http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao4/Art.20_Defendamos_natureza_revisado.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2011.

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIRES, Francisco Murari. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidades Tucídideanas**. São Paulo: Edusp, 2007.

PRITCHARD, David. **War, democracy and culture in classical Athens**. Disponível em: <[http://msc.uwa.edu.au/classics/\\_\\_\\_data/page/164060/Pritchard.pdf](http://msc.uwa.edu.au/classics/___data/page/164060/Pritchard.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2011.

QUIRIM, Diogo Jardim. **O filósofo e o sofista, em Isócrates**: uma análise do discurso “*contra os sofistas*”. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIBEIRO, Tatiana Oliveira. **Mestres violentos na Grécia Clássica: a peste, a guerra e a stásis na obra de Tucídides**. Calíope: presença clássica - Programa de Pós-graduação em Letras, Depto. De Letras de Letras Clássicas da UFRJ. Rio de Janeiro: 7Letras, v.1 n.1, 1984.

ROMILLY, Jacqueline de. **História e razão em Tucídides**. Brasília: UnB, 1998.

THUCYDIDES. **Historiae in two volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1942. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0199>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

THUCYDIDES. **The Peloponnesian War**. Disponível em: London, J. M. Dent; New York, E. P. Dutton. 1910. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0200>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

TUCÍDIDES. **A História da Guerra do Peloponeso - Livro I**. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TUCÍDIDES. **A História da Guerra do Peloponeso**. Tradução Mário da Gam Kury. Brasília: UnB, 2001.

VADELL, Margarita Durán. El mercenariado en la Grecia Antigua. **Revista de Cultura Militar**, Madrid, n12, 1998. Editora Universidad Complutense Madrid.

WOODMAN, A. J. **Rhetoric in classical historiography**. London and New York: Routledge, 2004.

WOTHINGTON, Ian (org.). **A companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007.

ZOIDO, Juan Carlos Iglesias. **El sistema de engarce narrativo de los discursos de Tucídides**. Talia Dixit 1, 1-28. 2006

\_\_\_\_\_. **Retórica e Historiografía**: El discurso militar en la historiografía desde la Antigüedad hasta el Renacimiento. Madrid: Universidad de Extremadura. (Ediciones Clásicas) Cáceres: Servicio de Publicaciones, 2007.